

Pacientes têm "cura espontânea" da Aids

Cientistas franceses anunciaram ontem que dois pacientes inicialmente diagnosticados com a infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) podem ter sido "curados espontaneamente". O estudo científico, publicado na revista *Clinical Microbiology and Infection*, relata a história de dois homens contaminados que, sem

serem submetidos a tratamentos, nunca desenvolveram os sintomas da Aids. Segundo o principal autor do estudo, Yves Levy, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris Est, na França, o vírus permaneceu nas células do sistema imunológico dessas pessoas, mas inativado. Uma mutação genética estaria ligada ao fenômeno. A

descoberta pode apontar para uma nova estratégia de tratamento e perspectivas na área de pesquisa sobre o comportamento do patógeno no organismo humano.

A equipe de pesquisadores sequenciou o genoma do HIV em amostras retiradas da dupla e percebeu que o código genético do vírus havia sido alterado. Essa mutação foi associada a uma enzima chamada Apobec, capaz de interromper a tradução dos genes virais em proteínas, ou seja, de parar a multiplicação do vírus. Ela faz parte do arsenal presente em todos os seres humanos para combater o micro-organismo, mas, normalmente, é desativada

por um mecanismo do HIV. Por algum motivo, mesmo em contato com o vírus, a enzima continuou trabalhando a todo vapor nos dois pacientes. "Especulamos que a estimulação da Apobec, grupo de enzimas que troca os ácidos nucleicos virais G por A e é normalmente inibido pela proteína Vif do HIV, tem seu efeito amplificado e mais eficaz a partir da fase inicial da infecção", descrevem os autores, no trabalho divulgado.

Resistência natural

Eles explicam que a relação de evolução espontânea a longo

prazo entre os seres humanos e o HIV não está bem caracterizada. Muitas espécies, incluindo os humanos, exibem restos da exposição a outros retrovírus no genoma. Isso levantaria a questão de uma possível endogenização do HIV. Isto é, o estudo baseia-se na suposição de que o vírus da Aids — um retrovírus que se integra ao DNA humano — teria o mesmo destino que centenas de retrovírus já integrados no DNA de mamíferos, incluindo os seres humanos, o que causaria uma possível resistência ao vírus.

Segundo Didier Raoult, professor da Faculdade de Medicina

de Marselha e um dos autores da pesquisa, a hipótese vem da observação de coalas e a interação desses animais com um vírus de macacos causador de câncer e leucemia. "Os coalas tornaram-se resistentes a esse vírus do macaco através do mesmo fenômeno de integração ou de endogenização. A resistência é transmissível aos filhos", afirmou Raoult à agência France-Presse. Para os pesquisadores, trata-se de um mecanismo provavelmente comum em epidemias anteriores e seria possível pensar que ele ocorreria em um certo número de pessoas infectadas pelo vírus da Aids.